

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

Recebido em: 06/07/2024

Aprovado em: 01/11/2024

Publicado em: 30/12/2024

RESSIGNIFICAÇÕES SEMÂNTICO-DISCURSIVAS NA LÍNGUA PORTUGUESA: explorando a subordinação lexical por afixos através da análise do discurso

SEMANTIC-DISCURSIVE RESIGNIFICATIONS IN PORTUGUESE: exploring lexical subordination by affixes through discourse analysis

SEMANTICDISKURSAJ RESIGNIFICADOJ EN LA PORTUGALA LINGVO: esplori leksikan subigon per afiksoj per diskursanalizo

Adriano Menino de Macêdo Júnior¹Marilia Bezerra de Araújo Rodrigues²José Roberto Alves Barbosa³Moises Batista da Silva⁴

Resumo

O presente estudo teve como objetivo principal analisar o fenômeno da subordinação a nível lexical por meio da adição de afixos, utilizando como base teórica os trabalhos de Travaglia (2009), Carone (2003), Perini (1995) e Sautchuk (2010). Ao longo da investigação, procurou-se compreender como esses afixos, ao serem incorporados a raízes lexicais, podem carregar conotações semânticas e discursivas de caráter pejorativo,

¹ Licenciado em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); Pesquisador no Grupo de Estudo do Discurso da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (GEDUERN); Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Estrangeira pela Faculdade Invest de Ciências e Tecnologia (INVEST).

² Licenciada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Docente Permanente na Secretaria de Estado da Educação e da Cultura (SEEC/RN). Especialista em Metodologias do Ensino da Língua Portuguesa e Literatura na Educação Básica pela Universidade Pitágoras Unopar (UNOPAR).

³ Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Professor na Faculdade de Letras e Artes (FALA), Departamento de Letras Estrangeiras (DLE) e Docente Permanente do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (Unidade Mossoró) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL) na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

⁴ Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Professor Adjunto IV na Faculdade de Letras e Artes (FALA), Departamento de Letras Vernáculas (DLV) e Docente Permanente do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) (Unidade Mossoró) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL) na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); Pesquisador no Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos e Literários (GPELL) e Líder do Grupo de Pesquisa em Multimodalidade, Semiótica Social e Tics (MultisemioTics).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

particularmente no contexto político brasileiro entre 2018 e 2022, período marcado por uma intensa polarização política. A pesquisa fundamentou-se nas teorias da Análise do Discurso, focando nas seguintes categorias de análises: ideologia, formações e memórias discursivas e efeitos de sentido, que são teorizadas pelos filósofos Pêcheux (1997; 1999; 1999), Orlandi (1990, 1999) e Fernandes (2007). A análise dos neologismos criados nesse período, tais como *esquerdopata*, *petralha*, *luladrão*, *lulista* e *Lule*, que foram utilizados para criticar a esquerda política, e *bolsominions*, *bolsonarista*, *bostonaro* e *bozoloide*, direcionados à direita, revelou a centralidade da linguagem na amplificação das tensões ideológicas. Esses termos, longe de serem meros insultos, constituem articulações simbólicas e discursivas que refletem e reforçam as divisões entre direita e esquerda. Essa dinâmica linguística é também problematizada por filósofos como Bakhtin (1995), Fiorin (2011), Hobbes (2014) e Saussure (2021), que destacam o papel da linguagem na construção das ideologias e das relações de poder. Portanto, conclui-se que os neologismos pejorativos analisados são frutos de um processo de subordinação lexical enraizado em formações discursivas ideologicamente motivadas, as quais contribuíram para a intensificação da polarização política no Brasil.

Palavras-chave: Subordinação Lexical. Análise do Discurso. Política. Ideologia.

Abstract

The present study aimed to analyze the phenomenon of lexical subordination through the addition of affixes, using the theoretical frameworks of Travaglia (2009), Carone (2003), Perini (1995), and Sautchuk (2010). Throughout the investigation, the focus was on understanding how these affixes, when incorporated into lexical roots, can carry semantic and discursive connotations of a pejorative nature, particularly in the Brazilian political context between 2018 and 2022, a period marked by intense political polarization. The research was grounded in the theories of Discourse Analysis, focusing on the following categories of analysis: ideology, discursive formations, discursive memory, and effects of meaning, as theorized by philosophers such as Pêcheux (1997; 1999), Orlandi (1990, 1999), and Fernandes (2007). The analysis of neologisms created during this period, such as *esquerdopata*, *petralha*, *luladrão*, *lulista*, and *Lule*, which were used to criticize the political left, as well as *bolsominions*, *bolsonarista*, *bostonaro*, and *bozoloide*, directed at the right, revealed the central role of language in amplifying ideological tensions. These terms, far from being mere insults, represent symbolic and discursive articulations that reflect and reinforce the divisions between the political right and left. This linguistic dynamic is also problematized by philosophers such as Bakhtin (1995), Fiorin (2011), Hobbes (2014), and Saussure (2021), who emphasize the role of language in constructing ideologies and power relations. Therefore, it is concluded that the pejorative neologisms analyzed are the result of a lexical subordination process rooted in ideologically motivated discursive formations, which contributed to the intensification of political polarization in Brazil.

Keywords: Lexical Subordination. Discourse Analysis. Politics. Ideology.

Resumo

La nuna studo celas analizi fenomenon de subordigo je la leksika nivelo per aldono de afiksoj, uzante kiel teoriant bazon la verkojn de Travaglia (2009), Carone (2003), Perini (1995) kaj Sautchuk (2010). Dum la enketo, ni serĉis kompreni kiel tiuj afiksoj, kiam



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

enkorpigitaj en leksikaj radikoj povas porti semantikajn kaj diskursivajn konotaciojn de insulta naturo, precipe en la brazila politika kunteksto inter 2018 kaj 2022, periodo markita de intensa politika polusiĝo. La esplorado estis bazita sur la teorioj de Diskursa Analizo, temigante la sekvajn kategoriojn da analizo: ideologio, diskursivaj formacioj kaj memoroj kaj efikoj de signifo, kiuj estas teoriaditaj fare de filozofoj Pêcheux (1997; 1999; 1999), Orlandi (1990, 1999) kaj Fernandes (2007). La analizo de neologismoj kreitaj dum tiu ĉi periodo, kiel maldekstrema, “petralha”, “luladrão”, “lulista” kaj “Lule”, kiuj estis uzataj por kritiki la politikan maldekstron, kaj “Bolsominions”, “Bolsonarista”, “Bostonaro” kaj “Bozoloide”, “direktitaj dekstren”, malkaŝis la centrecon de lingvo en la plifortigo de ideologiaj streĉiĝoj. Ĉi tiuj terminoj, for de esti nuraj insultoj, konsistigas simbolajn kaj diskursivajn artikulaciojn, kiuj reflektas kaj plifortigas dividojn inter dekstro kaj maldekstro. Tiun lingvan dinamikon problematigas ankaŭ filozofoj kiel Bakhtin (1995), Fiorin (2011), Hobbes (2014) kaj Saussure (2021), kiuj reliefigas la rolon de lingvo en la konstruado de ideologioj kaj potencrilatoj. Tial oni konkludas ke la insultaj neologismoj analizitaj estas la rezulto de procezo de vortfarada subordigo enradikiĝinta en ideologie motivitaj diskursivaj formacioj, kiuj kontribuis al la intensigo de la politika polarizo en Brazilo.

Ŝlosilvortoj: Leksika Subordigo. Diskursa Analizo. Politiko. Ideologio.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A língua é uma entidade viva, em constante mutação, que reflete e molda a nossa compreensão do mundo. Nesse contexto dinâmico, a formação e evolução do léxico desempenham um papel central. No que concerne à língua portuguesa, um fenômeno intrigante e ricamente complexo é o da subordinação a nível lexical por meio da adição de afixos. Este fenômeno, embora muitas vezes passe despercebido, desempenha um papel fundamental na criação de novas palavras e no enriquecimento do discurso.

Como extensão inafastável, este estudo tem como objetivo principal analisar o fenômeno da subordinação a nível lexical por meio da adição de afixos, fundamentando-se nas teorias de Travaglia (2009), Carone (2003), Perini (1995) e Sautchuk (2010). A pesquisa busca compreender como a incorporação desses elementos às raízes lexicais pode atribuir cargas semânticas e discursivas de conotação pejorativa, especialmente no contexto político sincrônico entre 2018 e 2022, um período marcado pela intensificação da polarização e do extremismo político no Brasil, tanto de direita quanto de esquerda partidária. O *corpus* é composto por termos que surgiram e ganharam força no discurso político e popular, como *esquerdopata*, *petralha*, *ptzada*, *petista*, *luladrão*, *lulista* e *lule*,

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

que reverberam as formações discursivas associadas à desqualificação dos que se identificam com a esquerda política, e *bolsominions*, *bolsonarista*, *direitopata*, *bostonaro* e *bozoloide*, que emergem no contexto da crítica aos apoiadores de Jair Messias Bolsonaro (JMB) e à direita política. Esses termos são analisados à luz das teorias linguísticas e discursivas supramencionadas, destacando como eles carregam conotações pejorativas e ideológicas.

Além de sua abordagem descritiva, a pesquisa será orientada pela Análise do Discurso (AD), com base nos trabalhos de Pêcheux (1999a, 1999b), Orlandi (1990; 1999) e Fernandes (2007), buscando estabelecer uma correlação entre o uso de afixos e os discursos que permeiam o campo político. A AD oferece ferramentas teóricas para entender como esses neologismos, subordinados a formações discursivas e ideológicas específicas, são construídos e disseminados socialmente. Ao integrar a metodologia da AD à análise lexical, o estudo pretende elucidar como os sentidos produzidos pelos sufixos pejorativos refletem não apenas a estrutura da língua, mas também as relações de poder e os discursos dominantes.

Assim, o presente estudo visa contribuir para uma compreensão mais ampla das dinâmicas de formação e evolução do léxico na língua portuguesa, levando em conta o impacto das circunstâncias sociopolíticas e ideológicas na construção de significados e discursos.

LÍNGUA E LINGUAGEM: FUNDAMENTOS LINGUÍSTICOS

Em caráter impreterível, a língua, conforme apontado por diversos estudiosos como Macêdo Júnior (2021), Petter (2002; 2010) e Orlandi (1990), é um sistema composto por signos e/ou símbolos, os quais podem ser verbais ou não verbais. Esses signos, quando codificados, são utilizados convencionalmente por uma comunidade específica com a finalidade de comunicação. Nesse sentido, a linguagem cumpre o papel de traduzir o pensamento humano em palavras, estabelecendo uma ponte entre o discurso mental e sua expressão verbal. Hobbes (2014, p. 39) reforça essa função da linguagem ao afirmar que

o uso comum da linguagem consiste em transformar nosso discurso mental em verbal; ou a série de pensamentos em série de palavras; e isso com duas

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

finalidades: um delas é o registro das consequências de nossos pensamento, que, passíveis de serem subtraídos da memória, podem, quando empreendemos uma nova tarefa, ser recordados por meio das palavras que os distinguiram. Assim, o primeiro emprego dos nomes é imprimir em nossa memória marcas ou notas. O outro é o uso, por várias pessoas, de idênticas palavras para traduzir (por sua conexão e ordem) o que elas concebem ou pensam sobre determinada matéria, e também o que desejam, temem ou pelo qual tenham qualquer outra paixão. Para isso, empregam os signos (Hobbes, 2014, p. 39).

Explanando sob premissas lógicas, a língua não só representa um conjunto de regras e convenções que facilitam a interação entre os membros de uma comunidade, como também serve de instrumento para traduzir emoções e posicionamentos sociais e políticos. Decursivamente, termos como *esquerdopata*, *petralha*, *lulista* e *luladrão* surgem nesse contexto como exemplos de neologismos que refletem o uso da língua para rotular e desqualificar, evidenciando como os signos são adaptados e reconfigurados conforme as necessidades discursivas de determinado grupo social. Eles deixam de ser apenas identificadores e passam a carregar uma forte carga pejorativa, reforçando antagonismos políticos.

Ademais, em continuação inelutável, sob a perspectiva do linguista Ferdinand de Saussure (2021), a linguagem é uma entidade heteróclita e multifacetada, revelando comportamentos e características singulares. Essa complexidade evidencia-se ao se considerar que a linguagem atua em diversos níveis de interação humana, o que a torna uma ferramenta fundamental tanto para o indivíduo quanto para o coletivo social. Saussure (2021) sublinha essa diversidade ao afirmar que

[...] a linguagem é multiforme e heteróclita; apoiada sobre diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence tanto ao domínio individual quanto ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, porque não se sabe depreender sua unidade (Saussure, 2021, p. 52).

Em jogo dicotômico ininterrupto, a linguagem pertence tanto ao âmbito individual quanto ao social, não se restringindo a categorias fixas de fenômenos humanos. Essa complexidade implica que sua análise requer a integração de diversos campos do conhecimento, incluindo a psicologia e a antropologia, para uma compreensão completa de seus aspectos (Macêdo Júnior, 2021; Petter, 2002; Petter, 2010; Orlandi, 1990). Aos aspectos aditivos, Hobbes (2014, p. 39) vai ressaltar os usos especiais da linguagem:



Os usos especiais da linguagem são: em primeiro lugar, registrar aquilo que, por meditação, achamos ser a causa de todas as coisas, presentes ou passadas e, segundo nosso parecer, os efeitos de qualquer coisa passada ou presente, isto é, o que essa coisa pode produzir e quais os resultados. Essa é a origem das artes. Em segundo lugar, transmitir aos demais homens os conhecimentos adquiridos, o que, em outras palavras, significa aconselhar e ensinar. Em terceiro lugar, dar a conhecer aos outros nossas vontades e propósitos, para que possamos nos ajudar mutuamente. Em quarto lugar, agradecer e deleitar a nós mesmos e aos outros, jogando com nossas palavras, por prazer (Hobbes, 2014, p. 39).

À guisa do que foi anteriormente supracitado, essa reflexão nos leva a compreender que a linguagem, além de um meio de comunicação e organização do pensamento, é também uma ferramenta de poder e de influência social. Outrossim, acrescendo-se a isso, palavras como *bolsonarista*, *bolsominion* e *direitopata* exemplificam como a linguagem, embora fruto de convenções sociais, também podem ser usadas de maneira subjetiva e individual, dependendo das intenções de quem a emprega. Esses termos, ao serem empregados para designar grupos de apoiadores políticos, ganham novas nuances semânticas com a adição de afixos depreciativos, transformando-os em instrumentos de ataque ou desqualificação, conforme visto no cenário político brasileiro recente. Nesse sentido, Saussure (2021, p. 117) destaca a arbitrariedade do signo linguístico ao afirmar que

O vínculo que une o significante ao significado é arbitrário ou, também, já que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante a um significado, podemos dizer de modo mais simples: *o signo linguístico é arbitrário*. [...] O símbolo tem como característica nunca ser totalmente arbitrário; não é vazio, há um rudimento de vínculo natural entre o significado e o significante. O símbolo da justiça, a balança, não poderia ser substituído por outro qualquer, uma carroça, por exemplo. [...] O termo *arbitrariedade* também exige uma observação. Ele não deve dar a ideia de que o significante depende da livre escolha do falante [...]: queremos dizer que ele é imotivado, ou seja, arbitrário com relação ao significado, com o qual não tem nenhum vínculo natural na realidade.

Em adendo inexorável, Saussure (2021) postula que a língua é uma entidade unificada que pode ser categorizada. Dentro de uma determinada comunidade, o uso de palavras com significados específicos é estabelecido por meio de convenções, criando uma base estável para a comunicação. Entretanto, mesmo que essa estrutura pareça



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

oferecer certa liberdade na escolha dos termos, ela é limitada pelas normas e regras impostas pela própria língua. Conquanto haja ressalvas inarredáveis, Saussure (2021, p. 122) realça a imutabilidade do signo ao destacar que

com relação à ideia que representa, o significante aparece como livremente escolhido, com relação à comunidade linguística que o emprega, entretanto, ele não é livre, é imposto. A massa social não é consultada, e o significante escolhido pela língua não poderia ser substituído por outro. Esse fato, que parece envolver uma contradição, poderia ser chamado familiarmente de “escolha forçada”. Diz-se à língua: “escolha!”, mas se acrescenta: “será este signo e não outro”. Não somente um indivíduo seria incapaz, se quisesse, de modificar absolutamente nada na escolha que foi feita, mas a própria massa social não pode exercer sua soberania sobre uma palavra única; ela está ligada à língua tal como é.

De forma simplificada, a palavra, juntamente com a coisa a que se refere, combina-se para formar o nome do objeto, conforme determinado pela convenção adotada por uma comunidade de falantes (Macêdo Júnior, 2021; Petter, 2002; Petter, 2010, p. 14; Orlandi, 1990). No entanto, palavras como *Lule*, *bozoloide* e *bostonaro* demonstram que, além da função de nomear, os signos linguísticos podem ser usados para distorcer ou exagerar as características atribuídas a uma figura pública ou a um grupo. Essas palavras são frutos de processos linguísticos em que a carga ideológica se sobrepõe à simples função de denominação, servindo como ferramentas de controle e de disputa simbólica no campo político.

Em *summa rei*, a língua é a faceta essencial da linguagem, representando um produto social da faculdade da linguagem. Ela é fundamentada em um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social, que possibilitam o exercício dessa faculdade nos indivíduos (Macêdo Júnior, 2021; Petter, 2002, p. 14; Petter, 2010). À revelia de qualquer impedimento, em contextos de polarização política, como o vivido no Brasil entre 2018 e 2023, essas convenções podem ser manipuladas para reforçar divisões sociais e ideológicas. Termos como *luladrão*, *bolsominion*, *petralha*, *direitopata* e *bolsonarista* são carregados de conotações negativas e passam a desempenhar um papel de controle social e discursivo, reforçando identidades políticas e consolidando a exclusão ou desqualificação do outro. Assim, a língua, longe de ser neutra, torna-se um campo de disputa simbólica, no qual cada termo carrega, além de seu significado linguístico, um peso ideológico e político. Todos os termos que compõem o *corpus* do presente estudo,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

podem ser relacionados ao que Hobbes (2014, p. 39) vai cognominar de segundo e de quarto abusos da linguagem:

[...] Segundo: quando usam palavras metaforicamente, isto é, com outro sentido, diverso daquele com que foram criadas, para enganar aos outros. [...] Quarto: quando utilizam as palavras para agredir uns aos outros, o que não é correto, pois a natureza armou as criaturas, algumas com dentes, outras com cornos e outras com patas ou mãos para atacar o inimigo, constituindo um abuso o uso das palavras para a agressão com a língua, a não ser que nosso interlocutor seja um nosso subordinado, a quem devemos dirigir, e, assim, a agressão com palavras não seria um abuso, mas uma emenda ou corretivo.

Conforme já ventilado em premissas pregressas, isso reflete exatamente o uso pejorativo e distorcido dos signos linguísticos no *corpus* deste estudo, em que as palavras são transformadas em armas verbais para ofender, deslegitimar ou desqualificar grupos ideológicos opostos. A utilização desses termos metafóricos e agressivos demonstra o poder da linguagem como instrumento de ataque no discurso político, configurando uma forma de violência simbólica, conforme observado por Hobbes (2014). Nesse cenário, o abuso das palavras não apenas altera seus sentidos originais, mas também potencializa o conflito social, reforçando as fronteiras discursivas entre grupos rivais. Por equivalência paradigmática, “o uso dos nomes e a correlação entre eles é a forma utilizada pela linguagem para recordar as consequências, causas e efeitos” (Hobbes, 2014, p. 40).

TEXTO E DISCURSO: UMA DISTINÇÃO NECESSÁRIA

Para diferenciar Texto e Discurso, evocamos o pesquisador Luiz Carlos Travaglia em sua obra *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática*. De acordo com o autor (2009, p. 68),

o discurso é visto como qualquer atividade produtora de efeitos de sentido entre interlocutores, portanto qualquer atividade comunicativa (não apenas no sentido de transmissão de informação, mas também no sentido de interação), englobando os enunciados produzidos pelos interlocutores e o processo de sua enunciação, que é regulado por uma exterioridade sócio-histórica e ideológica que determina as regularidades linguísticas e seu uso, sua função. Essa mesma exterioridade, o sujeito e as regularidade linguísticas (estas como condição de possibilidade, como condição de base) são as condições de produção da atividade comunicativa, da ação pela linguagem (discurso) que resulta no texto, enquanto unidade complexa de sentido, todo significativo em relação à situação.

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

Em consonância com a assertiva prévia, no contexto político de 2018 a 2023, termos como *esquerdopata* e *bolsominion* exemplificam essas regularidades. À guisa de exegese causal, essas palavras emergem de uma interação discursiva marcada pela polarização política, na qual ideologias específicas influenciam a formação e o uso de neologismos carregados de referência ideológica. Ao fazer a distinção entre Texto e Discurso, podemos dizer que o texto é uma

unidade linguística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão” (Travaglia, 2009, p. 67). Já o discurso se deferência por ser a “atividade comunicativa de um locutor, numa situação de comunicação determinada, englobando não só o conjunto de enunciados por ele produzidos em tal situação – ou os seus e os de seu interlocutor, no caso do diálogo – como também o evento de enunciação (Travaglia, 2009, p. 67).

Tal como anteriormente esboçado, termos como *petralha* e *lulista* são exemplos de como discursos ideológicos específicos ganham concretude através do texto, com tais neologismos se tornando representações visuais ou auditivas de um processo discursivo que reflete as disputas políticas e sociais. A posteriori, além dos conceitos e distinções apresentados por Travaglia (2009), o discurso pode ser conceituado sob a ótica do pragmático da AD Cleudemar Alves Fernandes, em sua obra *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Explanando sob premissas lógicas, Fernandes (2007) destaca que a palavra “discurso”, presente em nosso vocabulário diário, é frequentemente utilizada para se referir a pronunciamentos políticos, textos elaborados com recursos estilísticos sofisticados, declarações eloquentes, frases expressas de maneira excepcional, além de retórica e diversas outras situações em que a linguagem é utilizada em diferentes contextos sociais. À guisa de prosseguimento, palavras como *bolsonarista* ou *luladrão* demonstram que, embora carreguem significados linguísticos específicos, são impregnadas por contextos sócio-ideológicos, sendo expressões que transcendem o meramente linguístico e carregam consigo reflexos das tensões políticas e sociais.

Como derivação necessária, Fernandes (2007) afirma ainda que, ao ser considerado como objeto de estudo na AD, o “discurso” não se confunde com a língua, o texto ou a fala. No entanto, para adquirir uma existência concreta, o discurso depende de

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

elementos linguísticos. Dessa forma, podemos afirmar que o discurso transcende a própria língua e está enraizado no âmbito social, envolvendo questões que vão além do estritamente linguístico. No contexto do *corpus* deste estudo, expressões como *direitopata* e *bostonaro* evidenciam essas dinâmicas, pois são criadas a partir de relações de poder que buscam desqualificar o “outro” ideológico. O uso de tais termos revela como os neologismos se tornam veículos de significados ideológicos e expressam as disputas de poder e identidade na sociedade. Referir-se ao discurso implica abordar aspectos sociais e ideológicos presentes nas palavras quando são proferidas. Isso significa que as palavras são permeadas por influências e significados que ultrapassam sua dimensão puramente linguística. Assim, o discurso carrega consigo reflexos das relações sociais, das ideologias e das diferentes posições de poder que moldam sua construção e interpretação (Fernandes, 2007).

Outrossim, acrescentando-se a isso, a obra de Fernandes (2007) proporciona grandes reflexões sobre o tema do discurso. Ao abordar o discurso, é essencial considerar os elementos presentes no contexto social, tais como ideologias e a própria História. Dessa forma, pode-se afirmar que os discursos não são estáticos, mas fluidos, em constante movimento e sujeitos a transformações. Eles acompanham e refletem as mudanças sociais e políticas que fazem parte da vida humana em toda a sua diversidade. Léxicos como *bozoloide* refletem essa capacidade de adaptação e transformação dos discursos, pois emergem em contextos sociais específicos, trazendo consigo a marca das relações sociais em que foram gerados.

Em adendo inexorável, os discursos influenciam ativamente as dinâmicas sociais e culturais. Eles não são produtos individuais, mas construções sociais que resultam da interação entre os indivíduos e o contexto no qual estão inseridos. No caso de neologismos como *luladrão* e *bolsominion*, essas palavras não representam apenas insultos ou rótulos, mas configuram parte de uma construção coletiva de significados e valores que refletem as divisões e alianças ideológicas na sociedade.

A par de tudo, podemos discutir a relação entre formação discursiva e subordinação lexical como produtores de neologismos. À guisa de prosseguimento, conforme Orlandi (1999), o sentido não existe de forma independente, mas é influenciado pelas posições ideológicas presentes no contexto sócio-histórico em que as palavras são

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

utilizadas. Cumulativamente, o significado das palavras varia de acordo com as perspectivas dos indivíduos que as empregam. Elas adquirem sentido a partir dessas perspectivas, ou seja, em relação às estruturas ideológicas em que tais perspectivas se inserem. Com assenso categórico, podemos afirmar que a formação discursiva é definida como aquilo que, em uma determinada formação ideológica – ou seja, a partir de uma posição específica em um determinado contexto sócio-histórico – estabelece o que pode e deve ser expresso. Os neologismos como *esquerdopata* e *direitopata* exemplificam essa fluidez, adquirindo significados pejorativos dependendo da posição discursiva de quem os utiliza. Assim, podemos perceber que os sentidos das palavras estão diretamente ligados às formações discursivas e ideológicas em que se inserem.

Sob influxo suplementar, consideramos que a formação discursiva se refere a um conjunto de práticas e discursos que circulam em determinado contexto social e histórico. Essas práticas e discursos estão inseridos em sistemas de poder e ideologias, influenciando a produção de sentidos e o posicionamento dos neologismos. Dessa maneira, Orlandi (1999, p. 43) enfatiza:

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não tem um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele.

De acordo com o que foi discorrido alhures, os neologismos adquirem significados porque aquilo que é expresso pela sociedade está inserido em uma formação discursiva específica, e não em outra, a fim de ter um sentido particular. Isso é claramente visível no uso de neologismos como *lulista* ou *bostonaro*, que, dependendo da formação discursiva, carregam significados específicos e ideologicamente marcados, mostrando que os sentidos das palavras são sempre determinados por essas formações. Isso nos permite perceber que as palavras não possuem um sentido intrínseco, mas derivam seus significados das formações discursivas às quais pertencem. Essas formações discursivas, por sua vez, representam as estruturas ideológicas presentes nas palavras. Portanto, os

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

significados são sempre determinados de forma ideológica. Além disso, é imperioso considerar que não existe sentido que escape dessa influência, pois tudo o que dizemos carrega traços ideológicos em relação a outros traços ideológicos. Ademais, em acréscimo às evidências apresentadas, essa característica não reside na essência das palavras, mas sim na discursividade, ou seja, na maneira pela qual a ideologia produz seus efeitos e se materializa no discurso. No contexto do *corpus*, os neologismos como *petralha* e *bolsonarista* emergem de práticas discursivas específicas, representando a tentativa de rotular e categorizar o “outro” com base em visões ideológicas polarizadas.

Dadas as afirmações de Orlandi (1999), podemos concluir que os neologismos do corpus, como *Lule*, *bolsominion* e *luladrão*, adquirem sentido a partir de suas inserções em contextos discursivos específicos, onde ideologias e posições de poder moldam seu significado. As palavras não possuem um sentido intrínseco, mas são moldadas pelas formações discursivas em que são usadas.

Entendido como uma prática social, o discurso se materializa por meio da linguagem: palavras, gestos, imagens, entre outros recursos. No caso dos neologismos como *esquerdopata* ou *bozoloide*, vemos que as formações discursivas e interdiscursivas influenciam o modo como essas palavras são usadas para expressar opiniões políticas e ideológicas, sendo moldadas pela interação entre os interlocutores. Assim, podemos afirmar que as formações discursivas podem ser compreendidas como regionalizações do interdiscurso, ou seja, como configurações específicas dos discursos em suas relações. Simultaneamente, o interdiscurso fornece enunciados que são determinados pelo já-dito, constituindo, assim, uma formação discursiva em relação a outra. Quando afirmamos que uma palavra possui significado em relação a outras, estamos reconhecendo essa articulação entre as formações discursivas, influenciadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória (Orlandi, 1999).

Dessa forma, os sentidos não estão predeterminados por propriedades da língua, mas dependem das relações constitutivas presentes nas e pelas formações discursivas. Contudo, é importante não conceber as formações discursivas como blocos homogêneos que funcionam automaticamente. Elas são constituídas por contradições, sendo intrinsecamente heterogêneas, e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações (Orlandi, 1999). Desse modo, como



Orlandi (1999) argumenta, essas formações discursivas são heterogêneas e em constante mudança. Isso pode ser observado no uso de neologismos como *petralha* e *direitopata*, que, apesar de parecerem fixos em seu uso pejorativo, podem adquirir novos significados conforme o contexto ideológico muda.

Com efeito, a produção de sentidos ocorre pela interação entre a formação discursiva, que traz consigo significados socialmente construídos sobre vários vieses: raciais, de gênero, violência, entre outros. Essa interação provoca diferentes interpretações e reflexões, dependendo do repertório e das experiências de cada indivíduo. Palavras como *lulista* ou *bolsonarista* refletem as tensões sociais, políticas e culturais que moldam a sociedade, sendo resultados diretos de formações discursivas em que as disputas de poder e identidade se expressam. Conforme Orlandi (1999), essa interação entre discurso e ideologia é fundamental para compreender como as palavras ganham seus significados.

Dessa forma, a relação entre formação discursiva e os neologismos como produção de sentidos se evidencia ao mobilizar e evocar significados associados a questões sociais, culturais e políticas presentes na sociedade. Segundo Orlandi (1999), a formação discursiva é fundamental para a compreensão dos diferentes sentidos no funcionamento discursivo. Palavras semelhantes podem ter significados distintos, uma vez que estão inseridas em diferentes formações discursivas. A aparente evidência do sentido, que na realidade é um efeito ideológico, nos impede de perceber sua natureza material e a historicidade de sua construção.

Portanto, podemos afirmar que a evidência do sujeito, ou seja, sua identidade individual (o fato de “eu” ser “eu”), obscurece o fato de que essa identidade é resultante de uma identificação. Os léxicos são constituídos por meio de uma interpelação, que ocorre ideologicamente por sua inserção em uma formação discursiva. Em nossa sociedade, essa interpelação produz o sujeito como um sujeito de direito (jurídico). Historicamente, essa forma-sujeito corresponde ao sujeito do capitalismo, simultaneamente determinado por condições externas e autônomo (responsável pelo que diz), um sujeito com seus direitos e deveres (Orlandi, 1999).



SUBORDINAÇÃO A NÍVEL ORACIONAL A LUZ DA GRAMÁTICA DESCRITIVA

De acordo com Travaglia (2009), a gramática descritiva se dedica a uma análise minuciosa da estrutura e do funcionamento da linguagem, contemplando tanto os aspectos formais quanto os funcionais. Essa gramática representa um conjunto de regras identificadas pelo linguista por meio de uma teoria e método específicos, sendo essas regras empregadas pelos falantes na composição concreta de suas expressões linguísticas. No contexto do *corpus* deste estudo, palavras como *esquerdopata* e *bolsominion* refletem essa estrutura subjacente à linguagem. Em função *sine qua non*, esses neologismos são produtos das regras gramaticais que, embora descritivas, são moldadas pelas formações discursivas, destacando a relação entre forma e função na criação de sentidos específicos dentro de um contexto ideológico.

À revelia de qualquer impedimento, Carone (2003, p. 18), embora tenha uma posição contrária aos estudos da gramática descritiva, destaca a relevância da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Tendo como premissa maior, que orienta e fundamenta todas as demais consequências, esse guia orienta o ensino da língua portuguesa nas escolas de 1º e 2º graus do Brasil. Nesse sentido, a NGB aborda as palavras *coordenação* e *subordinação* a partir do item relativo ao período composto. No transcórrer ulterior, ao tratar dos termos da oração, essas palavras não são mencionadas, o que poderia levar à conclusão de que esses mecanismos sintáticos não operam em um nível inferior ao período composto, ou seja, dentro da oração. No entanto, como Carone (2003) argumenta, subordinações ocorrem também dentro de orações e sintagmas, conectando elementos hierarquicamente. Essa estrutura é visível nos neologismos analisados, como *luladrão* e *bolsonarista*, que dependem de elementos subordinantes e subordinados para formar significados carregados de conotações ideológicas. A subordinação lexical, por meio da adição de afixos, gera novas palavras que assumem significados específicos conforme o contexto discursivo.

Sob influxo suplementar, essa interpretação pode ser reforçada pela aderência a essa orientação oficial, presente nas gramáticas mais amplamente acessíveis aos estudantes. No entanto, é importante salientar que essa interpretação é enganosa. Na realidade, quando as palavras se organizam para formar sintagmas e esses sintagmas se



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

articulam para compor uma oração, eles o fazem por meio de uma conexão sintática, que é o principal organizador da frase – a própria subordinação. Essas relações ocorrem não apenas no nível sintático, mas também na organização hierárquica de morfemas e fonemas, que formam pares de *functivos* (Carone, 2003).

Funcutivo Central (subordinante)	Funcutivo marginal (subordinado)
surgem	indícios
recebeu	cartas
corre	velozmente
mesa	velha
plenário	-s
planet-	ário
mes-	-a
/a/	/r/
/a/	/i/

Fonte: Carone (2003, p. 17).

Em consonância com a assertiva prévia, Carone (2003, p. 17) demonstra a organização sintática através da hierarquia de functivos, no qual o functivo central (subordinante) se relaciona ao functivo marginal (subordinado), como vemos na relação entre radicais e afixos em palavras como *petralha* e *bostonaro*. Esses neologismos exemplificam como a subordinação morfológica, com a adição de sufixos e prefixos, pode modificar radicalmente o significado original da palavra, reforçando uma ideologia política específica por meio de sua estrutura.

Numa perspectiva mais ampla, a *função* é a relação de dependência estabelecida entre dois elementos que se articulam. Dessa forma, forma-se o sintagma como uma construção binária que se fecha sobre si mesma, constituindo uma nova unidade mais complexa, pronta para se articular com outra, contraindo, assim, uma nova função. Carone (2003, p. 18) observa que os elementos *marginais* normalmente se situam à esquerda, incluindo o sujeito, os artigos, os numerais, os pronomes adjetivos e as preposições. Embora essa ordem não seja rígida, sendo apenas a mais frequentemente observada, pode ocasionalmente sofrer alterações por várias razões, resultando em diferentes efeitos. Em nítido contraponto, os únicos elementos que permanecem inalteráveis em relação ao seu centro sintagmático são o artigo e a preposição. O binarismo dos neologismos como *direitopata* e *lulista* reflete essa construção sintática, onde o radical se combina com um afixo para formar uma nova unidade discursiva. Assim, a linguagem reflete a dinâmica



das formações ideológicas, com cada novo termo expressando um posicionamento político e assumindo um papel dentro do debate social polarizado.

Em acréscimo às evidências apresentadas, essa rápida revisão da estrutura do sintagma e da colocação usual de seus componentes destaca um traço fundamental: o binarismo. Independentemente da complexidade de um sintagma, seus componentes se organizam em pares de functivos. Uma vez constituído, esse par se torna uma nova unidade que se articula com outro functivo, que, por sua vez, pode ser o resultado de articulações anteriores. Assim, o processo de expansão do texto prossegue de forma contínua. Continuando nessa linha de raciocínio, podemos afirmar que Carone (1995) aborda em sua obra a retórica da existência da subordinação semântico-lexical de duas formas: as formas presas e livres:

Formas livres são aquelas que podem constituir, isoladas, um enunciado suficiente para a comunicação. Em sentido amplo, toda frase, da mais simples à mais complexa, é uma forma livre, desde que adotada de uma entonação adequada. [...] A esse conceito se opõe o de formas presas, aquelas que não são suficientes para, sozinhas, constituírem um enunciado.

À guisa do que foi anteriormente proferido, neologismos como *bozoloide* e *luladrão* ilustram como formas presas, como afixos, moldam o sentido das palavras ao se subordinarem aos radicais, criando expressões que não apenas informam, mas também desqualificam. Como Carone (1995, p. 7-8) observa, “a palavra subitamente esvaziada de seu significado pela silabação, deixa de representar a coisa, seu referente; as sílabas, agora soltas, adquirem vida própria e assombram, com seu imenso mistério, o imprudente aprendiz de feiticeiro que as libertou.” [...] Ela acrescenta que “a sílaba é uma construção de um, dois ou mais fonemas articulados, mas não ultrapassa os limites do campo a que pertencem as unidades não-significativas – o plano de expressão.” Entretanto, quando o léxico apresenta a sua estrutura CVC (consoante-vogal-consoante), ele sai do plano de expressão (sem significado), passando para o plano de conteúdo, trazendo consigo a situação em que se encontra, semelhante ao processo de subordinação lexical por afixos abordados mais à frente. De maneira inelutável, em conformidade com o curso natural dos fatos, a palavra “esvaziada de seu significado” pela manipulação dos afixos assume novos sentidos, frequentemente pejorativos, no plano de conteúdo discursivo.



Com idêntica importância, somando argumentos imprescindíveis, Perini (1995) também aborda a estrutura das frases e a subordinação de uma frase a outra. No caso dos neologismos do *corpus*, a adição de afixos é um processo análogo à subordinação sintática que Perini (1995) descreve. A estrutura gramatical que sustenta termos como *petralha* ou *direitopata* segue o mesmo princípio de incorporação de significados subordinados. Os afixos funcionam como dependentes dos radicais, exigindo complementos para completar seu sentido, exatamente como Perini (1995) descreve nas frases subordinadas.

Sob o prisma cumulativo, a análise da subordinação lexical por meio de afixos e as ressignificações semântico-discursivas na língua portuguesa estão intimamente relacionadas à natureza dos determinantes na linguística. Em progressão sincrônica, Sautchuk (2010, p. 20) afirma:

A Linguística considera como DETERMINANTE todo o conjunto de morfemas gramaticais independentes que servem não para acrescentar um conteúdo semântico ao substantivo ou para modificar seu sentido, mas para identificar sua referência por meio da situação espacotemporal ou delimitar seu número. Por isso, são de terminantes simples a classe fechada dos artigos (definidos/indefinidos), dos pronomes possessivos e demonstrativos e dos numerais cardinais e ordinais. Por sua natureza morfossintática, esses determinantes articulam-se somente com palavras que pertençam à classe dos substantivos ou que, em determinado contexto, estejam funcionando como tal.

Conforme já delineado anteriormente, reiterando os contornos do argumento previamente exposto, a compreensão de como esses determinantes se articulam com as palavras que pertencem à classe dos substantivos ou que, em determinado contexto, funcionam como tais, é essencial para a análise da subordinação lexical e ressignificações na língua portuguesa. Agregando-se ulteriormente, Palavras como *bolsominion* e *esquerdopata* se articulam com os determinantes discursivos e sociais que moldam seu significado. Com idêntica importância, Sautchuk (2010, p. 20) afirma que os determinantes gramaticais ajudam a identificar a referência sem alterar o conteúdo semântico, o que se aplica diretamente ao *corpus* deste estudo, onde os neologismos adquirem sentido em relação ao contexto político, mas sua estrutura gramatical permanece constante.



SUBORDINAÇÃO IDEOLÓGICA LEXICAL NA ANÁLISE DO DISCURSO: IDEOLOGIA, EFEITOS DE SENTIDO, FORMAÇÃO E MEMÓRIAS DISCURSIVAS

Na AD proposta por Michel Pêcheux, a noção de “subordinação” do vocábulo à ideologia é fundamental para compreender como os sentidos são produzidos e circulam na linguagem. De acordo com Pêcheux (1999a), o léxico não é um termo autônomo e neutro, mas é constituído e moldado pela ideologia dominante presente na sociedade. Assim, quando se propõe a leitura dos sentidos na perspectiva de Pêcheux (1999a), é crucial considerar que a linguagem não é um mero reflexo transparente do pensamento individual, mas está intrinsecamente ligada às relações de poder e aos discursos socialmente estabelecidos. Nesse contexto, os sentidos são construídos e negociados em um campo discursivo, permeado por relações de dominação e luta ideológica.

Sob o mesmo prisma, quando analisamos termos como *esquerdopata* ou *bolsonarista*, percebemos que essas palavras carregam sentidos que não surgem de forma isolada, mas são produtos das formações discursivas e das relações de poder que dominam o campo político. Esses neologismos exemplificam como o vocabulário é *subordinado* aos discursos ideológicos, refletindo lutas sociais e políticas. Essa perspectiva é corroborada por Orlandi (1999, p. 45), que assevera:

Um dos pontos fortes da Análise de Discurso é re-significar a noção de ideologia a partir da consideração da linguagem. Trata-se assim de uma definição discursiva de ideologia. [...] O fato mesmo da interpretação, ou melhor, o fato de que não há sentido sem interpretação, atesta a presença da ideologia. [...] Nesse movimento de interpretação o sentido aparece-nos como evidência, como se ele estivesse já sempre lá. Interpreta-se e ao mesmo tempo nega-se a interpretação, colocando-a no grau zero. Naturaliza-se o que é produzido na relação do histórico e do simbólico. Por esse mecanismo – ideológico – de apagamento da interpretação, há transposição de formas materiais em outras, construindo-se transparências – como se a linguagem e a história não tivessem espessura, sua opacidade – para serem interpretadas por determinações históricas que se apresentam como imutáveis, naturalizadas. Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existências.

Diante das considerações de Orlandi (1999), podemos afirmar que a AD propõe uma abordagem da ideologia ao considerar a linguagem como central. Sob a razão inquestionável, a interpretação é fundamental para a produção de sentido, e essa interpretação revela a presença da ideologia. O fato de que “não há sentido sem

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

interpretação” revela o trabalho ideológico por trás das palavras, como vemos em termos como *petralha* ou *bolsominion*, que parecem ter significados evidentes, mas são carregados de conotações produzidas pelo histórico e pelo simbólico. A ideologia apaga a complexidade das interpretações, criando a ilusão de que as palavras têm um sentido natural, como se *lulista* ou *bozoloide* fossem descrições neutras, quando na verdade elas refletem posicionamentos políticos específicos. Diante disso, Orlandi (1999) propõe uma definição discursiva de ideologia, na qual a interpretação desempenha um papel central.

Conforme aponta Fernandes (2007, p. 20), “trata-se do efeito de sentido entre sujeitos em enunciação; nega-se a ideia de mensagem encerrada em si; contesta-se a imanência do significado”. Nesse sentido, o autor supracitado (2007, p. 20) concorda ao afirmar que os sentidos são efeitos de enunciação entre sujeitos, contestando a ideia de que as palavras possuem um significado inerente. Isso é evidente no uso de neologismos como *luladrão*, que, em vez de simplesmente descrever uma realidade, reflete uma construção ideológica que naturaliza a interpretação de corrupção associada a Lula, reforçando um discurso político específico.

Frequentemente, o sentido é tratado como algo evidente e pré-existente, o que acaba negando a interpretação e naturalizando o que é produzido pela relação entre o histórico e o simbólico. Esse mecanismo ideológico apaga a interpretação, criando a ilusão de transparência na linguagem e na história, como se não houvesse opacidade ou complexidade a serem interpretadas por determinações históricas. A referida naturalização é um mecanismo ideológico que transforma palavras como *esquerdopata* ou *direitopata* em ferramentas de ataque político, apagando a complexidade de suas origens e influências discursivas. A ideologia, conforme Fernandes (2007, p. 20), está presente em todos os signos, e palavras enunciadas, como no corpus deste estudo, revelam quais ideologias integram suas significações. Sobre Ideologia, Fernandes (2007, p. 20) corrobora:

uma concepção de mundo do sujeito inscrito em determinado grupo social em uma circunstância histórica. Linguagem e ideologia são vinculadas, esta se materializa naquela. Ideologia é inerente ao signo em geral. Sendo assim, diante de toda e qualquer palavra enunciada, procuraremos verificar qual (ou quais) ideologia(s) a integra(m);

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

A ideologia, portanto, atua para produzir evidências, estabelecendo uma relação imaginária entre as palavras e suas condições materiais de existência. Neologismos como *bolsominion* ou *lulista* não apenas identificam grupos, mas são produtos de um discurso ideológico que molda a identidade e a posição dos sujeitos em um contexto social polarizado. Orlandi (1999, p. 46) corrobora e enfatiza nossas afirmativas, a seguir:

[...] A ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. Partindo da afirmação de que a ideologia e o inconsciente são estruturas-funcionamentos, M. Pêcheux diz que sua característica comum é a de dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas”, entendendo-se “subjetivas” não como “que afetam o sujeito” mas, mais fortemente, como “nas quais se constitui o sujeito”. Daí a necessidade de uma teoria materialista do discurso – uma teoria não subjetivista da subjetividade – em que se possa trabalhar esse efeito de evidência dos sujeitos e também a dos sentidos.

Diante disso, Orlandi (1999) sustenta que a evidência do sentido, que faz com que uma palavra se refira a uma coisa específica, oculta sua natureza material. Cumpre notar que, os léxicos, como *luladrão* ou *bozoloide* parecem ter significados evidentes, mas são resultados de formações discursivas e interdiscursivas que determinam como essas palavras são compreendidas e utilizadas em contextos políticos específicos. A interpretação, nesse caso, revela a subjetividade imposta pela ideologia e pelo contexto sócio-histórico, que moldam as significações dos neologismos no *corpus*. Isso nos leva a perceber como algo transparente aquilo que, na verdade, é construído pela referência a um conjunto de formações discursivas que exercem uma influência predominante. As palavras adquirem seus significados por meio das relações estabelecidas com essas formações discursivas, resultado da influência determinante do interdiscurso (da memória).

Nesse contexto, a noção de “subordinação” enfatiza que o léxico é submetido às formas de interpelação ideológica presentes nos discursos e práticas sociais. Vocábulos como *petralha* e *direitopata* são moldados por formações discursivas que expressam visões de mundo e interesses políticos. Nesse sentido, o vocábulo é moldado e posicionado por meio das formações discursivas, que são conjuntos de enunciados que expressam determinadas visões de mundo e interesses políticos. Fernandes (2007, p. 47) conceitua a categoria de análise formação discursiva:

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

refere-se ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas; trata-se da possibilidade de explicitar como cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que o engendram derivam de um mesmo jogo de relações, como um dizer tem espaço em um lugar e em uma época específica.

Assim, ao realizar a leitura dos sentidos, é preciso considerar as formações discursivas em que os enunciados estão inseridos e como essas formações contribuem para constituir determinadas posições subjetivas. O léxico é atravessado pela ideologia, e suas posições estão sujeitas aos efeitos dessas relações de poder presentes nos discursos. Assim, ao analisar os sentidos dos neologismos como *esquerdopata* ou *bolsonarista*, é essencial considerar as formações discursivas em que esses enunciados estão inseridos. Essas formações discursivas constituem posições ideológicas que atravessam o léxico, moldando seus significados conforme os interesses e as lutas de poder vigentes. O léxico não existe fora da ideologia; ele é construído por ela e reflete suas tensões.

Para corroborar nosso posicionamento acerca da “subordinação” do vocábulo ao contexto histórico para a produção de sentidos, evocamos mais uma vez Orlandi (1999), que afirma: “o sentido é o resultado de uma relação determinada entre o sujeito, afetado pela língua, e a história”. Os neologismos como *bolsominion* e *lulista* demonstram como a memória discursiva, descrita por Pêcheux (1999a), desempenha um papel fundamental na formação de significados. A interpretação dessas palavras reflete o momento histórico e as condições ideológicas em que foram geradas. Para tanto, a interpretação desempenha um papel crucial nessa conexão entre o léxico, a língua e os sentidos. Essa interpretação é um indicativo da subjetivação e, ao mesmo tempo, revela a relação da língua com o mundo exterior: nenhum discurso existe sem as palavras, e nenhuma palavra existe sem ideologia. A ideologia e o inconsciente estão intrinsecamente ligados de forma material.

Portanto, ao analisar os sentidos na perspectiva de Pêcheux (1999a), é fundamental compreender que a produção de sentido é um processo complexo e marcado por relações de poder e ideologia, em que o neologismo é subordinado e posicionado dentro de determinados sistemas discursivos. No que diz respeito às memórias discursivas, Pêcheux (1999a, p. 11) destaca que a estruturação do discurso desempenha um papel fundamental na formação de uma determinada memória social. Esse espaço de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

memória, enquanto um componente essencial para o funcionamento dos discursos, é moldado por contextos sócio-histórico-culturais específicos. Fernandes (2007, p. 47) assegura:

espaço de memória como condição do funcionamento discursivo constitui um corpo-sócio-histórico-cultural. Os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. Trata-se de acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção.

Tal como foi elucidado anteriormente, Fernandes (2007, p. 47) concorda, observando que o “espaço de memória” é uma condição essencial para o funcionamento discursivo. Palavras como *luladrão* ou *bostonaro* expressam não apenas uma significação presente, mas também remetem a memórias discursivas construídas por anos de conflitos políticos. Esses neologismos refletem um corpo sócio-histórico-cultural que molda e é moldado pelas relações de poder.

Os discursos não apenas refletem a memória coletiva na qual os sujeitos estão inseridos, mas também contribuem para a construção dessa memória. Essa memória coletiva não implica uma uniformidade absoluta, pois a existência de diversos tipos de discurso está intrinsecamente ligada à existência de diferentes grupos sociais, embora não sejam necessariamente equivalentes. Assim, palavras como *petralha* ou *direitopata* se inserem em discursos que compartilham traços ideológicos comuns, expressando divisões sociais. Cada discurso abrange uma comunidade de sujeitos que compartilham traços socioculturais e ideológicos comuns, frequentemente em contraposição a outros discursos. Além disso, é importante observar que essas memórias discursivas não se limitam ao texto em si; elas são eventos exteriores e anteriores ao texto, refletindo materialidades que desempenham um papel fundamental na sua construção (Fernandes, 2012).

Adicionando elementos imprescindíveis, a relação intrínseca entre o discurso e as circunstâncias que o envolvem engloba todos os aspectos da enunciação, ou seja, o contexto histórico e social que está intrinsecamente ligado à criação de significados. A AD frequentemente incorpora a dimensão histórica, uma vez que se concentra nos sentidos gerados no discurso, considerando as condições de produção que são únicas para a existência dos sujeitos envolvidos. Esse enfoque procura evitar críticas frequentes,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

como aquelas dirigidas à Psicologia Social por Pêcheux (1999b, p. 11), que ressalta a importância de não se desconsiderar as condições materiais e históricas na análise dos processos discursivos.

a psicologia social entende fazer experimentos (em laboratório ou em campo) sobre construções/manipulações da interação, e em particular da interação verbal. Nesse quadro, a “situação” experimental - construída em laboratório ou provocada em campo - é uma cena fechada, a-histórica, na qual a linguagem (falas, textos ou discursos) é imediatamente identificada a sequências “observáveis” de ações (condutas, comportamentos) de trocas entre os protagonistas da interação.

Em contrapartida a essa abordagem a-histórica, a AD, ao se aprofundar nas condições histórico-sociais que permeiam a produção do discurso, faz uso da História para examinar o conteúdo em termos de criações situadas em contextos socioeconômicos, político-ideológicos e culturais específicos. No *corpus* deste estudo, neologismos como *bozoloide* ou *esquerdopata* só podem ser plenamente compreendidos se levarmos em conta os contextos histórico-sociais que influenciam sua criação e uso, reforçando a necessidade de considerar a história na interpretação dos sentidos discursivos.

Portanto, em relação à memória discursiva, podemos afirmar que se trata do espaço de memória, o qual funciona como uma condição essencial para a operação discursiva, formando um corpo que é intrinsecamente ligado ao contexto sociocultural e histórico. Os discursos manifestam uma memória coletiva na qual os sujeitos participam, e isso envolve eventos que ocorrem fora e anteriormente ao texto, demonstrando interconexões que influenciam em sua construção. Em contrapartida à visão a-histórica, a AD enfatiza o papel da história e das condições materiais na produção dos sentidos. Os neologismos do *corpus* são exemplos claros de como o discurso se inscreve em memórias coletivas e contextos sociais específicos, refletindo não apenas o presente, mas as continuidades e rupturas históricas que moldam o campo político e ideológico.

SUBORDINAÇÃO LEXICAL E POLARIZAÇÃO IDEOLÓGICA: ANÁLISE DISCURSIVA DOS NEOLOGISMOS LIGADOS À ESQUERDA POLÍTICA NAS ELEIÇÕES DE 2018

A análise da subordinação lexical dos termos ligados à esquerda política, como *esquerdopata*, *petralha*, *petista*, *lulista*, *ptzada*, *luladrão* e *lule*, revela um processo



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

linguístico de criação de neologismos que reflete as tensões políticas e ideológicas intensificadas no Brasil, especialmente a partir das eleições de 2018. No interstício temporal, a polarização atingiu seu ápice quando Fernando Haddad, candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), foi derrotado pelo ex-presidente JMB em uma campanha marcada por acusações, Fake News, e uma crescente demonização das figuras políticas associadas à esquerda.

Simultaneamente, à medida que novos elementos se agregam, a palavra *esquerdopata* é formada pelo radical /esquerdo/, que remete diretamente à ideologia política de esquerda, e o sufixo pejorativo /-pata/, que está associado a *patologia* ou *doença*. À guisa de epítome elucidativo, a subordinação lexical aqui reflete o que Carone (1995) descreve como a manipulação de afixos para alterar radicalmente o sentido do radical. Essa combinação resulta em uma palavra que não apenas descreve alguém de esquerda, mas também carrega a implicação de que a pessoa sofre de uma patologia mental ou ideológica. Durante as eleições de 2018, esse termo foi amplamente utilizado por apoiadores do ex-presidente JMB em redes sociais e discursos públicos para desqualificar e deslegitimar os eleitores de Haddad e, mais amplamente, aqueles que defendiam posições progressistas. Acrescentando a esta discussão, Bakhtin (1995, p. 31) afirma:

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e retrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*.

Ou seja, sem as palavras/signos não há ideologia. Os léxicos trabalhados aqui no presente estudo, como *esquerdopata*, reverberam ideologias semânticas implícitas. Num ciclo de intercâmbio pendular, a análise desse termo na perspectiva da AD nos mostra como ele é fruto de um processo de interpelação ideológica. O termo *esquerdopata* é subordinado a uma formação discursiva de direita, que buscava construir um discurso no qual a esquerda política era vista como uma ameaça irracional e perigosa. Outrossim, os efeitos de sentido dessa palavra são claros: ela promove a ideia de que ser de esquerda é uma forma de insanidade, algo a ser combatido e marginalizado. A memória discursiva



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

que sustenta o uso de esquerdopata remonta a uma longa tradição de associar ideologias políticas extremistas e divergentes a distúrbios mentais ou patologias, uma prática comum em contextos de alta polarização política. Por meio das premissas anteriores, Fernandes (2007, p. 41) sugere que “ao falarmos sobre formação discursiva, referimo-nos ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas.”

Outro termo frequentemente utilizado durante esse período foi *petralha*, que combina o radical /PT/, aludindo ao Partido dos Trabalhadores, com o sufixo pejorativo /-ralha/, que remete à rale, grupo social marginalizado. Esse neologismo reflete uma tentativa de desumanizar os membros e apoiadores do PT, associando-os a um grupo de menor valor ou importância. Em 2018, o uso de *petralha* foi intensificado como parte da retórica anti-PT que dominava os discursos de campanha e as redes sociais, no qual o PT foi frequentemente associado à corrupção e à degeneração moral. A reportagem da revista *Veja* aborda a declaração polêmica do ex-presidente JMB, em 2018, quando ele sugeriu “fuzilar a petralhada”, gerando ampla repercussão e críticas, consoante figura 1.

Figura 1 – “Em 2018, Bolsonaro defendeu ‘fuzilar a petralhada’”.



Fonte: Bonin (2022).

Sob a lente da AD, o vocábulo *petralha* se insere em uma formação discursiva que visa não apenas desqualificar o PT como partido político, mas também atacar seus eleitores e simpatizantes. Sobre ideologia e formação discursiva aqui aludidos, Fiorin (2011, p. 22) corrobora:

Uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de ideias que



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo. Como não existem ideias fora dos quadros da linguagem, entendida no seu sentido amplo de instrumento de comunicação verbal ou não verbal, essa visão de mundo não existe desvinculada da linguagem. Por isso, a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo. Essa formação discursiva é ensinada a cada um dos membros de uma sociedade ao longo do processo de aprendizagem linguística.

Em alusão ao que foi previamente trazido à baila, o trecho supracitado explica como neologismos como *esquerdopata* e *petralha* emergem dentro de uma formação discursiva e ideológica de oposição à esquerda política, refletindo e materializando as visões de mundo conservadoras que criticam e desqualificam a esquerda. A ideologia subjacente ao uso dessa palavra está alinhada com a ascensão de uma direita conservadora que via no PT o símbolo de um sistema corrupto e falido, reforçando estereótipos negativos sobre a esquerda. A respeito dos signos ideológicos elencados no *corpus* deste estudo, Bakhtin (1995, p. 32) sugere que

os signos também são objetivos naturais, específicos, e, como vimos, todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e retrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios da avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico.*

Integrando-se com eficácia ao conjunto, os efeitos de sentido aqui envolvem a criação de uma imagem de desvalorização social, associando o PT a algo desprezível, e a memória discursiva se liga ao período pós-*impeachment* de Dilma Rousseff, quando o PT foi amplamente criticado e vilipendiado nos discursos públicos. A título de incremento, com novas adições substanciais, o termo *petista*, embora originalmente neutro, foi carregado de conotações negativas durante a campanha de 2018. Por conseguinte, *Petista* refere-se aos seguidores do PT, e sua subordinação lexical pelo sufixo *-ista/* indica uma pessoa alinhada com a ideologia do partido. No entanto, no contexto eleitoral de 2018, essa palavra passou a ser usada de forma pejorativa, principalmente nos círculos bolsonaristas. Em debates acalorados, ser chamado de *petista* passou a significar ser



IΦ-Sophia

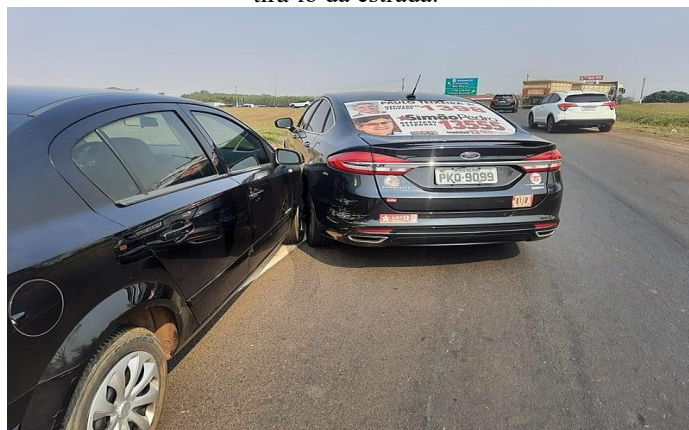
Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

cúmplice de um sistema corrupto, alimentando uma polarização exacerbada. No que tange a memória discursiva Pêcheux (1999a, p. 11) atesta:

a estruturação do discursivo vai constituir a materialidade de uma certa memória social. Esse espaço de memória como condição do funcionamento discursivo constitui um corpo sócio-histórico-cultural. Os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. É uma memória coletiva, até mesmo porque a existência de diferentes tipos de discurso implica a existência de diferentes grupos sociais, sem, contudo, implicar equivalência. Um discurso engloba a coletividade dos sujeitos que compartilham aspectos socioculturais e ideológicos, e mantém-se em contraposição a outros discursos. Trata-se de acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção.

De mais a mais, a reportagem do site de notícias Brasil de Fato relata o ataque a um militante petista (termo já utilizado pela mídia) em uma rodovia de São Paulo, enquanto também destaca declarações polêmicas do vice do PDT sobre Lula e questões políticas internas do partido, como apresentado na figura 2.

Figura 2 – “*Petista é atacado em rodovia, vice do PDT diz que falas de Ciro sobre Lula são pessoais e mais Presidente do PT de Ilha Solteira (SP) foi atingido duas vezes por um carro que tentou tirá-lo da estrada.*”



Fonte: Oliveira (2022).

Com base na formação discursiva de 2018, *petista* passou a ser não apenas um rótulo partidário, mas uma arma verbal usada para atacar aqueles que defendiam políticas progressistas ou criticavam o então candidato JMB. A memória discursiva remonta ao período dos governos de Lula e Dilma, marcados por escândalos de corrupção, a lava jato o mensalão, petrolão etc., que foram usados como argumento central pela oposição. Os

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

efeitos de sentido são a estigmatização de qualquer pessoa ligada ao PT, fazendo com que o termo funcione como uma marca de desonra para muitos.

De modo suplementar, integrando-se com eficácia ao conjunto, *Lulista* segue uma lógica semelhante, sendo um neologismo que utiliza como o radical /Lul/, derivado do nome próprio Lula, que se trata do atual presidente da república federativa do Brasil, hoje em seu terceiro mandato (2023-2026), com o sufixo /-ista/, que indica seguidor. Durante a campanha de 2018, a imagem de Lula foi central tanto para os defensores quanto para os detratores da esquerda. Embora estivesse preso durante grande parte da campanha, Lula permaneceu uma figura central, e o termo *lulista* foi usado tanto como emblema de orgulho quanto como rótulo pejorativo. A redação do site Consultor Jurídico utiliza o termo *lulista* para se referir a um eleitor do atual presidente Lula, que foi assassinado durante sua festa de aniversário, cujo tema era dedicado ao referido chefe de Estado, conforme visto na figura 3.

Figura 3 – “Lulista morre após troca de tiros com bolsonarista em Foz do Iguaçu (PR).”



Fonte: Consultor Jurídico (2022).

Na perspectiva da AD, *lulista* faz parte de uma formação discursiva de oposição, no qual o nome de Lula se tornou sinônimo de corrupção e má gestão. A palavra carrega a memória discursiva das acusações de corrupção que cercaram Lula durante a Operação Lava Jato, petrolão, mensalão, etc., e os efeitos de sentido produzidos pelo termo polarizam o discurso, associando o seguidor de Lula a uma visão de mundo supostamente moralmente corrupta. Hobbes (2014, p. 152) reforça essa ideia ao refletir sobre como



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

diferentes grupos, insatisfeitos com determinadas formas de governo, tendem a renomeá-las de forma pejorativa:

Assim, os que estão descontentes com uma monarquia a chamam de tirania, e os que não estão satisfeitos com uma aristocracia a denominam oligarquia. Os que se sentem prejudicados por uma democracia chamam-na anarquia (isto é, inexistência de governo), embora, creio eu, ninguém pense que a ausência de governo seja uma nova espécie de governo.

A título de incremento, com novas adições substanciais, o termo *ptzada* é ainda mais explícito em sua carga pejorativa. Formado pelo radical *PT*, acrônimo que designa Partido dos Trabalhadores, e o sufixo */-zada/*, que é usado de maneira depreciativa para indicar um grupo indesejado ou inferior, essa palavra apareceu frequentemente em ataques durante a campanha de 2018. O uso de *ptzada* reflete a subordinação lexical que visa desumanizar o grupo de eleitores do PT, posicionando-os como uma massa amorfa e desvalorizada, sem legitimidade política. Os vídeos do Youtuber Wilker Leão, presentes na figura 4, em que ele se refere aos eleitores de Lula como *PTzada*, exemplificam o tom provocativo de seus conteúdos políticos. Em episódios como “Lula corta o Bolsa Família de milhões de famílias, mas pra PTzada tá tudo bem” (Leão, 2023a) e “A PTzada não aguentou ouvir a verdade e partiu pra cima de mim” (Leão, 2023b), Leão critica duramente as políticas do governo e os apoiadores do Partido dos Trabalhadores, gerando debates acalorados nas redes sociais.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

Figura 4 – Críticas Polêmicas e Confrontos nas Redes: A Retórica Provocativa de Wilker Leão Contra Eleitores do PT: “Ptzada”.



Lula corta o Bolsa Família de milhões de famílias, mas pra PTzada tá tudo bem - Ep. 74 nas ruas



A PTzada não aguentou ouvir a verdade e partiu pra cima de mim com todo seu "amor" - Ep 121



Fonte: Leão (2023a; 2023b).

Dentro da formação discursiva bolsonarista, *ptzada* reforça o discurso de rejeição total ao PT, que foi central na campanha de 2018. Os efeitos de sentido aqui são claros: o termo produz um afastamento, uma exclusão discursiva, no qual o grupo designado pela palavra é deslegitimado e marginalizado. A memória discursiva remonta ao desgaste do PT após o *impeachment* da ex-presidenta Dilma e à intensificação dos escândalos de corrupção associados ao partido. Como reforça Orlandi (1999, p. 43), “as palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória.” Dessa forma, o termo *ptzada* dialoga com outros discursos que atacam o PT e rememoram eventos passados, consolidando uma rejeição histórica e contínua.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

Além do mais, a reportagem do site Diário do Centro do Mundo, escrita por Eduardo Borges, intitulada *Luladrão? Como vencer bolsominions e antipetistas no debate jurídico*, já destaca o uso do neologismo *luladrão*, já enraizado em formações discursivas dos opositores ao governo Lula (Nogueira, 2022), como visto na figura 5.

Figura 5 – Léxico pejorativo *luladrão* já utilizado anteriormente.



Fonte: Nogueira (2022).

Além do mais, em sincronia evolutiva, o termo *luladrão* é talvez o mais explícito em sua intenção pejorativa. Formado pela combinação do nome /Lula/ com o sufixo /-drão/, que deriva de *ladrão*, essa palavra foi amplamente usada para acusar Lula de corrupção. Durante a campanha de 2018, quando Lula foi preso, *luladrão* se tornou um grito de guerra entre os apoiadores de JMB, simbolizando todas as acusações de corrupção que cercaram o ex-presidente.

Na formação discursiva da direita, *luladrão* não é apenas uma acusação direta, mas um símbolo da corrupção que muitos associaram ao governo do PT. Os efeitos de sentido aqui são a criminalização de Lula e de seus seguidores, com o objetivo de deslegitimar sua influência política. A memória discursiva envolve o julgamento de Lula na Operação Lava Jato, que serviu como um dos principais pilares do discurso bolsonarista durante a eleição, consolidando a narrativa de corrupção e má gestão. Nesse contexto, as formações discursivas operam em articulação contínua, como ressalta Orlandi (1999, p. 44), ao afirmar que

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

as formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações. O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinado, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra. Dizer que a palavra significa em relação as outras, é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória. Os sentidos não estão assim predeterminados por propriedades da língua. Dependem de relações constituídas nas/pelas formações discursivas. No entanto, é preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações (Orlandi, 1999, p. 44).

Tal como anteriormente esboçado, esse processo evidencia que o significado de luladrão se constitui não apenas por propriedades inerentes à língua, mas em relação aos outros discursos que o cercam, inseridos em uma trama de relações sociais e políticas. As fronteiras dessas formações discursivas são, portanto, fluídas e permeáveis, configurando-se e reconfigurando-se continuamente, refletindo a complexidade e a contradição inerentes ao discurso político.

Como epítome final desta análise, o termo *Lule* surge no mesmo contexto polarizado e é um neologismo que combina o nome /Lula/ com a terminação sufixal desinencial /-e/, que está associada à linguagem neutra de gênero. Nesse caso, a subordinação lexical reflete uma tentativa de desqualificar não apenas a figura do atual presidente Lula, mas também o movimento de linguagem neutra, que é ligado a questões de diversidade e inclusão social. Em 2023, o uso de *Lule* se inseriu em um contexto em que discussões sobre gênero e linguagem neutra se intensificaram, sendo frequentemente atacadas por setores conservadores da sociedade.

O neologismo *Lule* surge não apenas como uma forma pejorativa de referir-se ao ex-presidente Lula, mas também diretamente ligado ao uso da linguagem neutra, que ganhou destaque durante seu discurso de posse no terceiro mandato presidencial. Na ocasião, Lula utilizou expressões inclusivas como “todos, todas e todes”, demonstrando um compromisso com a diversidade e a inclusão de gêneros não binários, como destacado pela manchete do jornal *Metrópole*: “Todos, todas e todes: entenda a linguagem neutra usada no governo Lula”. Esse posicionamento em prol da linguagem neutra gerou reações e críticas de setores mais conservadores, resultando na criação de termos como *Lule* para

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

ironizar tanto a figura do presidente quanto o uso de uma linguagem que visa incluir identidades de gênero diversas.

Na formação discursiva da direita conservadora, *Lule* representa uma crítica ao progressismo associado a Lula e ao uso da linguagem neutra, que era visto como uma ameaça aos valores tradicionais. Os efeitos de sentido envolvem a ridicularização tanto de Lula quanto das pautas de diversidade de gênero, consolidando uma visão de que esses movimentos eram artificiais e antinaturais. A memória discursiva aqui evoca o período de maior debate sobre ideologia de gênero no Brasil, que foi intensificado durante as eleições, com candidatos de extrema-direita política.

Dessa forma, a subordinação lexical dos termos analisados demonstra como a linguagem foi utilizada para refletir e intensificar a polarização política no Brasil, especialmente durante o conturbado período eleitoral de 2018. Por conseguinte, através da adição de afixos pejorativos, o léxico ligado à esquerda foi moldado para refletir as tensões ideológicas e as estratégias discursivas de deslegitimação política. Cada um desses neologismos carrega consigo não apenas a marca da disputa eleitoral, mas também uma memória discursiva que remonta a décadas de conflitos políticos no Brasil.

SUBORDINAÇÃO LEXICAL E A DESQUALIFICAÇÃO DISCURSIVA: ANÁLISE DOS NEOLOGISMOS PEJORATIVOS DIRIGIDOS À DIREITA POLÍTICA DURANTE O MANDATO DE JMB

A análise da subordinação lexical dos termos ligados à direita política, como *direitopata*, *bolsominions*, *bolsonarista*, *bostonaro* e *bozoloide*, revela como os léxicos foram moldados para desqualificar, ridicularizar e criticar a figura do ex-presidente JMB e seus apoiadores, especialmente no contexto das eleições de 2018 e durante seu mandato presidencial, que foi marcado pela polarização política, Fake News, e, posteriormente, pela gestão da pandemia do novo coronavírus/COVID-19. A construção desses neologismos reflete a tensão política exacerbada, em que cada lado utilizava a linguagem como uma ferramenta de ataque e deslegitimação. Nesse contexto, as palavras adquiriram novos sentidos, conforme a polarização política intensificou os debates públicos e a crítica social. A respeito dessas novas formações e da transformação do significado das palavras ao longo do tempo, Saussure (2021, p. 125) afirma:

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

O tempo, que assegura a continuidade da língua, tem um outro efeito, aparentemente contraditório com o primeiro: alterar mais ou menos depressa os signos linguísticos e, em certo sentido, se pode falar ao mesmo tempo da imutabilidade do signo. [...] O signo pode ser alterado porque tem continuidade. O que domina em toda alteração é a persistência da matéria antiga; a infidelidade ao passado é somente relativa. Por isso é que o princípio de alteração se baseia no princípio de continuidade. Quaisquer que sejam os fatores de alterações, quer atuem isoladamente ou combinados, sempre resultam num *deslocamento da relação entre significado e significante*. [...] Uma língua é radicalmente impotente para se defender dos fatores que deslocam a cada instante a relação do significado e do significante. É uma das consequências da arbitrariedade do signo.

Em confluência ascendente, no termo *direitopata*, a combinação do radical /direito/, que se refere à ideologia de direita, com o sufixo pejorativo /-pata/, remete à ideia de patologia/doença ou anomalia, desqualificando diretamente o pensamento conservador. A subordinação lexical aqui segue o princípio discutido por Carone (1995), em que o sufixo altera o sentido original do radical, transformando a designação política em uma acusação de irracionalidade ou extremismo. Durante as eleições de 2018, esse termo foi amplamente utilizado por críticos da direita para sugerir que o conservadorismo do ex-presidente JMB e de seus eleitores era uma forma de fanatismo, algo comparável a uma doença mental. A polarização política em torno de JMB, que foi apoiado por um discurso fortemente conservador, gerou uma reação progressista, e o termo *direitopata* se tornou uma ferramenta para desqualificar não só a ideologia da direita política, mas também seus seguidores.

Os termos *esquerdopata* e *direitopata*, já em uso no debate político brasileiro, refletem a crescente polarização ideológica, como destacado na reportagem do site Paraíba Já (2016), na manchete intitulada “‘Não tem esquerdopata nem direito-pata’, rebate Anísio sobre declarações de Eliza”, no qual o deputado Anísio Maia (PT) rebate as declarações da vereadora Eliza Virgínia (PSDB), que criticava a predominância de políticas de esquerda nas escolas. O deputado condenou o uso do termo *esquerdopatas* pela vereadora, argumentando que essas rotulações indevidas visam desqualificar ideologias. Ao ironizar a ideia de que a direita estaria oprimida, Anísio enfatizou que não existem *esquerdopatas* ou *direitopatas*, mas sim pessoas com ideias diferentes, destacando a necessidade de respeitar as divergências ideológicas. Esses neologismos,

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

utilizados tanto para criticar a esquerda quanto a direita, inserem-se em formações discursivas que buscam desqualificar o oponente político, muitas vezes ignorando a complexidade das ideias em prol de simplificações pejorativas.

Nesse sentido, a crítica progressista ganha forma discursiva ao promover a ideia de que o conservadorismo seria um desvio social ou mental. Como Fiorin (2011, p. 19) destaca:

[...] a esse conjunto de ideias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social [...] é o que comumente se chama ideologia. Como ela é elaborada a partir das formas fenomênicas da realidade, que ocultam a essência da ordem social, a ideologia é ‘falsa consciência’.

De acordo com o que foi discorrido alhures, o termo *direitopata* se insere em um discurso ideológico que, de forma crítica, tenta revelar as contradições percebidas na visão de mundo conservadora, apresentando-a como distorcida ou equivocada, conforme a noção de “falsa consciência” descrita por Fiorin (2011).

À medida que novos elementos se agregam, os efeitos de sentido dessa palavra são claros: ser de direita é visto como irracional, algo que deve ser combatido e marginalizado. Por outro lado, “esses sentidos, e não o significado da palavra apenas, são produzidos em decorrência da ideologia dos sujeitos em questão, da forma como compreendem a realidade política e social na qual estão inseridos” (Fernandes, 2007, p. 14).

Esse neologismo se insere em uma formação discursiva de oposição à direita bolsonarista, especialmente no período eleitoral de 2018, quando as divisões ideológicas no Brasil se tornaram extremamente polarizadas. Além disso, “as escolhas lexicais e seu uso revelam a presença de ideologias que se opõem, revelando igualmente a presença de diferentes discursos, que, por sua vez, expressam a posição de grupos de sujeitos acerca de um mesmo tema (Fernandes, 2007, p. 14). Com efeito, a memória discursiva que sustenta o uso de *direitopata* remonta a uma tradição de ridicularizar ideologias divergentes associando-as a patologias, uma prática comum em cenários de polarização política.

Outro termo amplamente utilizado/observado nesse período foi *bolsominions*, que combina o radical /Bolso/, referindo-se ao sobrenome da família Bolsonaro, com o sufixo

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

/-minions/, uma referência aos personagens caricatos da animação *Meu Malvado Favorito*, que são frequentemente descritos como criaturas sem vontade própria, servindo cegamente a um mestre. O termo emergiu em um cenário de crescente desinformação, em que os apoiadores do ex-presidente JMB eram frequentemente acusados de acreditar em Fake News e de seguir cegamente as ordens e declarações do presidente, sem questionar ou refletir criticamente. O vocábulo foi especialmente popular durante a pandemia de COVID-19, quando as declarações de JMB minimizando a gravidade do vírus e promovendo tratamentos sem comprovação científica foram amplamente divulgadas e aceitas por grande parte de sua base eleitoral.

Eventualmente, o termo *bolsominion*, amplamente utilizado para referir-se aos seguidores fervorosos do ex-presidente JMB, já havia sido destacado anteriormente no debate público, como ilustrado na reportagem do Jornal Extra (2016), como demonstrada na figura 6, intitulada “Bolsominions: quem são e do que se alimentam”. Nesse contexto, o termo descreve um grupo de apoiadores do ex-presidente JMB, segundo a análise do autor, manifesta comportamento agressivo e alinhado à figura do líder, frequentemente atacando minorias como homossexuais, negros e feministas (Pena, 2016). Inspirado pelo conceito de “narcisismo das pequenas diferenças” de Sigmund Freud, o artigo sugere que esses seguidores utilizam pequenas distinções sociais como justificativa para a barbárie, exacerbada pela liderança de JMB, que seria percebido como alguém acima das leis da civilização (Pena, 2016). O uso de *bolsominion* passou a encapsular essa ideia de seguidor submisso e agressivo, amplamente disseminado em redes sociais como Facebook, onde os seguidores do ex-presidente JMB se organizam para hostilizar aqueles com quem têm divergências ideológicas (Pena, 2016).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

Figura 6 – “Bolsominions: quem são e do que se alimentam”.



Fonte: Pena (2016).

Aqui, a subordinação lexical se manifesta ao associar os seguidores de JMB a figuras subservientes e irracionais. O uso de /-minions/ desqualifica os eleitores do presidente, sugerindo que eles não têm autonomia intelectual e seguem o líder cegamente. A ideologia que sustenta esse termo reflete uma crítica à direita bolsonarista e sua base eleitoral, especialmente em relação à aceitação de Fake News e à disseminação de desinformação durante a pandemia. Como assevera Fernandes (2007, p. 15), “a ideologia materializa-se no discurso que, por sua vez, é materializado pela linguagem em forma de texto; e/ou pela linguagem não-verbal, em forma de imagens.”

Em confluência contínua, os efeitos de sentido do termo reforçam a ideia de que os apoiadores do ex-presidente JMB são manipulados e incapazes de tomar decisões racionais, fortalecendo a polarização política. Essa palavra se insere em uma formação discursiva de oposição à base de apoio de JMB, que foi frequentemente acusada de apoiar cegamente suas declarações, mesmo diante de evidências científicas contrárias, especialmente durante a pandemia. A memória discursiva desse termo está associada à gestão de crises de desinformação e às Fake News que circularam de forma massiva durante as eleições e a pandemia.

Paralelamente, em expansão sintética e contínua, o termo *bolsonarista*, embora neutro em sua estrutura (radical /Bolsonaro/ e o sufixo /-ista/, que indica seguidor), foi

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

carregado de conotações negativas ao longo do mandato de JMB, principalmente pela oposição. Durante o período eleitoral de 2018 e ao longo de seu governo, ser chamado de *bolsonarista* muitas vezes significava ser cúmplice de um governo caracterizado por atitudes autoritárias, anti-científicas e negacionistas, especialmente durante a pandemia. O uso desse termo em debates e discursos era polarizador, refletindo a forte divisão ideológica entre aqueles que apoiavam o presidente e aqueles que o criticavam severamente. Dessa maneira, “a ideologia materializa-se no discurso que, por sua vez, é materializado pela linguagem em forma de texto; e/ou pela linguagem não-verbal, em forma de imagens” (Fernandes, 2007, p. 15).

Em continuidade, o termo *bolsonarista*, amplamente utilizado tanto por apoiadores quanto por críticos do ex-presidente JMB, já havia sido destacado no debate público, conforme a reportagem da BBC News Brasil (2022): “O que é ser bolsonarista?”. Para os defensores do ex-presidente JMB, o termo é uma forma de expressar orgulho por sua posição política, como exemplificado pela declaração do deputado federal Otoni de Paula (PSC-RJ): “Quanto mais eu conheço os inimigos de Bolsonaro, mais bolsonarista eu me torno”. No entanto, para os críticos, *bolsonarista* muitas vezes carrega uma carga semântica próxima de insulto, usada para associar os seguidores de JMB a comportamentos ou ideologias radicais.

Sob o manto da causalidade irrefutável, esse termo se consolidou no cenário político como parte de uma formação discursiva que polariza ainda mais o debate entre direita e esquerda no Brasil. Com a ascensão do bolsonarismo, ser *bolsonarista* passou a significar/aderir a uma série de valores, como a defesa da família tradicional, a rejeição ao PT e o apoio ao uso de armas, sendo também associado ao ressentimento com a classe política tradicional (Magenta, 2022).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

Figura 7 – O Significado de Ser Bolsonarista: Entre Orgulho Político e Insulto Ideológico.



Fonte: Magenta (2022).

Dentro da formação discursiva da oposição, o termo *bolsonarista* passou a se referir ideologicamente não apenas a um seguidor do ex-presidente JMB, mas a alguém alinhado com valores considerados extremistas, como o negacionismo científico e o ultraconservadorismo. Com base nesse premissa, “as ideias dominantes são racionalizações que explicam e justificam a realidade. Na sociedade capitalista, a partir do nível aparente, constroem-se os conceitos de individualidade, de liberdade como algo individual etc.” (Fiorin, 2011, p. 20). Consoante supramencionado, os enunciados aqui trabalhados, com vieses de esquerda ou direita política, são construídos dentro de formações discursivas que visam justificar visões de mundo e hierarquias políticas.

Adicionalmente, os efeitos de sentido dessa palavra variavam dependendo do contexto, mas, em muitos casos, funcionavam para deslegitimar e atacar moralmente aqueles que apoiavam o ex-presidente JMB. A memória discursiva associada a esse termo remonta às controvérsias e escândalos que cercaram o governo de JMB, especialmente durante a pandemia, quando a postura do presidente em relação ao combate à COVID-19 foi amplamente criticada tanto nacional quanto internacionalmente. A referida produção de sentidos, Fernandes (2007, p. 15) argumenta,

[...] quando nos referimos à produção de sentidos, dizemos que no discurso os sentidos das palavras não são fixos, não são imanentes, conforme, geralmente, atestam os dicionários. Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. Assim, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológico daqueles que a empregam.

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

Em sincronia evolutiva, o termo *Bostonaro* é mais satírico e também deriva do sobrenome da família /Bolsonaro/ combinado com uma referência pejorativa a /fezes/. Durante o mandato de JMB, o termo *Bostonaro* ganhou destaque como uma crítica direta à sua figura, associando-o a algo sujo ou dejetivo. Essa associação foi uma forma de desumanizar e ridicularizar o ex-presidente supracitado, destacando as controvérsias e os escândalos que marcaram sua gestão. A subordinação lexical nesse caso transforma o sobrenome do presidente em uma metáfora que o desqualifica de maneira grotesca, associando-o a algo indigno. Por conseguinte, as palavras adquirem sentido de acordo com as formações ideológicas nas quais os sujeitos (interlocutores) estão inseridos.

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio- histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (Pêcheux, 1997b, p. 190).

Simultaneamente, à medida que novos elementos se agregam, a ideologia por trás desse termo reflete a oposição extrema ao governo do ex-presidente JMB, na qual as críticas ao presidente extrapolavam o campo político e entravam no terreno da ridicularização pessoal. Os efeitos de sentido do termo *Bostonaro* reforçam uma visão de desprezo e desrespeito em relação ao ex-presidente, associando sua figura a algo dejetivo e repulsivo. Nesse contexto, Pêcheux e Fuchs (1990, p. 169) enfatizam que

O sentido de uma sequência só é materialmente concebido na medida em que se concebe esta sequência como pertencente necessariamente a esta ou àquela formação discursiva [...] Trata-se de um “efeito de sentidos” entre os pontos A e B. [...] Os elementos A e B designam algo diferente da presença física de organismos humanos individuais. [...] A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social. (Pêcheux; Fuchs, 1990, p. 169).

Em acréscimo às evidências apresentadas, a formação discursiva desse termo se alinha com um discurso de rejeição total ao bolsonarismo, especialmente em momentos de crise, como a pandemia de COVID-19 e as acusações de corrupção e negligência administrativa. A memória discursiva evoca os momentos de maior desgaste político do ex-presidente JMB, quando suas falas e ações foram criticadas de forma contundente por setores da imprensa e da sociedade civil. Esse processo, sob à ótica de Pêcheux (1990b, p. 314), revela que

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

a noção de formação discursiva começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da formação discursiva está em relação paradoxal com seu “exterior”: uma formação discursiva não é um espaço estruturalmente fechado, pois é constitutivamente “invadido” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras formações discursivas) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais.

Assim, as críticas ao bolsonarismo se alimentam de discursos que não pertencem exclusivamente a esse contexto, mas que repetem e reforçam significados de outras formações discursivas que se entrecruzam e moldam o sentido do termo. Para além do compreendido, Fiorin (2011, p. 20) argumenta que “todo conhecimento está comprometido com os interesses sociais. Esse fato dá uma dimensão mais ampla ao conceito de ideologia; ela é uma ‘visão de mundo’, ou seja, o ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade.” Logo, esse fragmento discute como a linguagem, especialmente os neologismos pejorativos, serve como uma “visão de mundo” que representa os interesses de grupos sociais específicos, ajudando a construir ou desmantelar discursos de poder e autoridade.

Para encerramento peremptório, o termo *bozoloide* combina a raiz /Bozo/, usado pejorativamente para se referir ao ex-presidente JMB como um palhaço, com o sufixo /-loide/, que remete a uma deformação ou imitação imperfeita. Esse termo foi utilizado amplamente para desqualificar o ex-presidente, especialmente durante seu mandato, e reflete uma crítica visceral à sua figura. O uso de /Bozo/ já indicava uma tentativa de associar o ex-presidente JMB à figura de um palhaço ridículo, mas com o sufixo /-loide/, o neologismo ganha uma conotação ainda mais ofensiva, ao compará-lo a dejetos.

Aqui, a subordinação lexical opera de forma a transformar o nome do ex-presidente JMB em uma figura grotesca e indigna, conectando sua imagem a algo sujo e desprezível. A título de incremento, com novas adições substanciais, a ideologia por trás do uso da terminologia *bozoloide* reflete uma oposição radical ao ex-presidente, associando-o a figura de escárnio e desprezo. Conforme destacado por Orlandi (1990, p. 48),

Enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e a com a história para que haja sentido. E como não há uma relação termo-a-termo entre linguagem/ mundo/pensamento

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

essa relação torna-se possível porque a ideologia intervém com seu modo de funcionamento imaginário. São assim as imagens que permitem que as palavras “colem” com as coisas.

Traçando um paralelo com a ideia já apresentada, as imagens evocadas pela linguagem permitem que as palavras “colem” com as coisas, possibilitando que os neologismos carreguem sentidos ideológicos e afetem a percepção pública da figura em questão. Com base nas evidências aduzidas, os efeitos de sentido dessa palavra intensificam a ridicularização do ex-presidente JMB, reforçando uma visão de que ele era indigno de ocupar a posição de líder político. Além do mais, a formação discursiva desse termo reflete um cenário em que as críticas ao governo do ex-presidente se tornaram extremas, com figuras da oposição e da imprensa utilizando o humor grotesco e o insulto para deslegitimar o presidente. Ademais, a memória discursiva do termo está ligada à rejeição pública das atitudes de JMB durante seu mandato, especialmente em questões como a pandemia, a corrupção e a desinformação.

Em clausura de toda a explanação, os neologismos criados para atacar a direita política durante o período eleitoral de 2018 e o mandato de JMB foram construídos para desqualificar tanto o presidente quanto seus apoiadores. Esses termos refletem a intensa polarização política e o uso estratégico da linguagem para reforçar narrativas de deslegitimação e ridicularização no campo do discurso político.

ASSERTIVAS FINAIS

As considerações finais deste estudo reafirmam a relevância da análise linguística descritiva, aliada à AD francesa, para a compreensão dos fenômenos sociopolíticos que moldam o léxico da língua portuguesa. Ao longo deste artigo, observamos como a subordinação lexical por meio da adição de afixos – um processo descrito minuciosamente por teóricos como Travaglia, Carone, Perini e Sautchuk – é instrumental na criação de neologismos pejorativos que refletem e amplificam as tensões ideológicas. A linguagem, sendo uma entidade viva, espelha as transformações sociais, políticas e culturais, e esses neologismos, especialmente no contexto polarizado das eleições de 2018 e do mandato de Jair Bolsonaro, demonstram o impacto profundo da ideologia nas formações discursivas.

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

Os termos analisados, tanto da esquerda quanto da direita política, revelam uma disputa ferrenha pelo controle simbólico e pela construção de significados que transcendem a mera denominação política. Palavras como *esquerdopata*, *petralha* e *luladrão*, por um lado, e *bolsominions*, *bolsonarista* e *bozoloide*, por outro, emergem não como simples insultos, mas como expressões de um campo discursivo saturado de ideologias que visam deslegitimar e ridicularizar o adversário. A subordinação lexical, nesse sentido, cumpre o papel de intensificar a conotação pejorativa e polarizar ainda mais o debate político.

A AD, ao revelar como esses neologismos são moldados por formações discursivas específicas, nos permite enxergar que os sentidos não são neutros ou espontâneos, mas resultados de processos históricos e ideológicos profundamente enraizados. A memória discursiva que sustenta termos como *lulista* ou *bolsominion* está diretamente relacionada aos eventos e narrativas que circundam figuras como Lula e Bolsonaro, mostrando que a linguagem reflete e perpetua lutas de poder.

Portanto, a tese defendida ao longo deste artigo – de que os neologismos pejorativos, surgidos no período de 2018 a 2022, são frutos de um processo de subordinação lexical enraizado em formações discursivas ideologicamente motivadas – foi corroborada pela análise. Este trabalho contribui para uma compreensão mais profunda das relações entre linguagem, ideologia e poder, evidenciando que o léxico não é apenas uma ferramenta comunicativa, mas um campo de batalha simbólico no qual se disputam significados, legitimidades e identidades. A análise linguística, portanto, não só descreve a estrutura da língua, como também nos oferece uma lente crítica para compreender as dinâmicas de poder que moldam o discurso social e político.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Prefácio de Roman Jakobson; Apresentação de Marina Yaguello; Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. Editora Hucitec, São Paulo – SP, 1995.

BONIN, R. “Em 2018, Bolsonaro defendeu ‘fuzilar a petralhada’”. **Veja**, 2022.

CARONE, F. B. **Morfossintaxe**. São Paulo – SP: Editora Ática S. A., 1995.

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

CARONE, F. B. **Subordinação e coordenação**: confrontos e contrastes. São Paulo – SP: Editora Ática, 2003.

FARACO, C. A. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. – 2. edição. – São Carlos: Claraluz, 2007. Disponível em:
https://www.sergiofreire.pro.br/ad/FERNANDES_ADRI.pdf. Acessado em: 20 mai. 2023.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia** / José Luiz Fiorin. 1.ed. (rev. e atualizada). São Paulo: Ática, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, B. D. “Recursos léxico-gramaticais no ensino da língua portuguesa: Lexical-grammatical resources in the teaching of the Portuguese language”. **Revista do GEL**, v. 19, n. 1, p. 100-118, 2022.

LEÃO, W. “A PTzada não aguentou ouvir a verdade e partiu pra cima de mim com todo seu “amor” – Ep 121”. **YouTube**, 2023b.

LEÃO, W. “Lula corta o Bolsa Família de milhões de famílias, mas pra PTzada tá tudo bem – Ep. 74 nas ruas”. **YouTube**, 2023a.

MACÊDO JÚNIOR, A. M. **Linguística básica para discentes de letras** [livro eletrônico] / Adriano Menino de Macêdo Júnior. – Tutóia, MA: Diálogos, 2021. Disponível em:
<file:///C:/Users/adria/OneDrive/ACADEMICO/UERN%20LETRAS/POSEDUC/DOCUMENTOS/Livro%202.pdf>. Acessado em: 16 out. 2023.

MAGENTA, M. “O que é ser bolsonarista?”. **Jornal BBC News Brasil**, 2022.

NOGUEIRA, D. “Luladrão? Como vencer bolsominions e antipetistas no debate jurídico”. Por Eduardo Borges. **DCM**, 2022.

OLIVEIRA, C. “Petista é atacado em rodovia, vice do PDT diz que falas de Ciro sobre Lula são pessoais e mais”. **Brasil de Fato**, 2022.

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. P. **O que é linguística?** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

PARAÍBA, J. “‘Não tem esquerdopata nem direitopata’, rebate Anísio sobre declarações de Eliza.” **Paraíba Já**, 2016.

PÊCHEUX, M. A Análise do Discurso: Três Épocas (1983). *In*: GADET, F.; HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux**. Campinas: EDUNICAMP, 1990. (p. 311319).

PÊCHEUX, M. O Papel da Memória. *In*: ACHARD, P. *et al.* **O Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999a.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso - Uma Crítica à Afirmação do Óbvio**. Campinas: EDUNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, M. **Sobre os Contextos Epistemológicos da Análise do Discurso**. *In*: Escritos, n. 4, Campinas: Nudecri, 1999b.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A Propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas (1975). *In*: GADET, F.; HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux**. Campinas: EDUNICAMP, 1990. (p.163- 252).

PENA, F. “Bolsominions: quem são e do que se alimentam”. **Jornal Extra**, 2016.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Editora Ática S. A., 1995.

PETTER, M. Linguagem, Língua e Linguística. *In*: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Linguística I: princípios de análise**. – 6ª ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução, notas e posfácio Marcos Bagno; apresentação Carlos Alberto Faraco. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2021.

SAUTCHUK, I. **Prática de Morfossintaxe: como e por que aprender análise (morfo)sintática**. 2ª ed. Barueri, SP: Manole, 2010.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. – 14 ed. – São Paulo: Cortez, 2009.